(Transcrição)

Basílica de Santa Maria Maior
Roma, 30 de novembro de 1987

"**A influência espiritual de Maria sobre o homem de hoje**"

Senhoras e senhores, irmãos e irmãs,

É meu dever neste momento falar-lhes da experiência do Movimento dos Focolares, que represento, no que se refere a Maria e à sua influência espiritual na sociedade contemporânea.

Mas o que é o Movimento dos Focolares?

É um Movimento da Igreja, muito vasto, que oferece aos homens de hoje uma espiritualidade moderna, um modo de viver o cristianismo nesta época, enfrentando os problemas atuais e abrindo-se aos novos horizontes do Concílio Vaticano II.

O Movimento dos Focolares também tem outro nome. Chama-se "Obra de Maria", porque nele - segundo a convicção dos seus membros - Maria está em ação; Maria ensina a muitas pessoas como ser cristãos hoje. A sua espiritualidade mariana é clara e bem determinada. Vou procurar ilustrar alguns dos seus pontos fundamentais.

Maria, através do Movimento dos Focolares, chama antes de mais os homens do nosso tempo a fazer uma grande opção; indica-lhes qual deve ser o objetivo de suas vidas; qual o ideal que os deve animar; quem deveria ocupar o primeiro lugar em seus corações.

Hoje, como sempre, os homens, todos os homens, dão um sentido à própria vida, agem sob o impulso de uma finalidade a alcançar.

No mundo ocidental, por exemplo, o ideal que mais condiciona as massas é a plena autonomia da personalidade do indivíduo. Poderíamos dizer que a humanidade se esforça por se tornar autônoma e adulta; busca o ser, mas acaba por dar maior importância ao ter do que ao ser. Concretamente, este modo de ver as coisas se traduz para os adultos de hoje sobretudo numa exigência de bem-estar e de liberdade em todos os campos.

Embora existam aspectos positivos nestas tendências (como a defesa dos direitos humanos, da liberdade, de um mínimo de bem-estar, da paz, da segurança), não se pode negar que tal visão das coisas é bastante negativa e perigosa.

O homem moderno, de fato, para realizar estes seus sonhos, empenha-se em superar barreiras e preconceitos, mas também valores do passado, a que não deveria renunciar nem prescindir. Além disso, coloca em segundo plano, quando não esquece, a dimensão transcendental da vida e as normas éticas tradicionais. Tratam-se de tendências censuráveis, que influenciam também, num ou em outro aspecto, as pessoas que creem, sobretudo os jovens.

Eis então Maria, que, bem ciente de que a realidade não se limita a esta Terra, fala ao coração destes homens de hoje e os convida a não fazer da auto-afirmação, da própria autonomia e do bem-estar (todosideais destinados a passar!) o objetivo de suas vidas, mas sim a colocar no primeiro lugar na própria alma Deus, tal como ela fez.

Maria viveu de Deus, da fé em Deus. Para ela Deus era tudo.

Só Deus, de resto, é que dá o verdadeiro sentido à vida que conduzimos nesta terra; só Ele é que dá um significado à eternidade, a qual, embora o homem moderno dela não se aperceba, existe e jamais acabará.

Sim, é necessário que o homem moderno faça esta grande conversão: não colcar ele mesmo no

centro do seu interesse, mas Deus.

Mas como é que Maria apresenta Deus aos homens dos nossos dias?

Apresenta-o na sua verdadeira realidade; apresenta-o como amor. O verdadeiro Deus, o Deus dos cristãos é Amor. Maria sabe que, apresentando Deus na sua verdadeira essência, o homem bem depressa perceberá que não está só na gestão da própria existência; que com ele está Alguém que o ama, que pensa nele, que é seu pai mais do que o próprio pai da terra.

Compreenderá que, se tal Pai foi capaz um dia de mandar o seu Filho à terra para morrer por ele, para salvá-lo dos laços do pecado, pode ter a certeza de que saberá intervir em todas as suas necessidades, como diz Jesus ao afirmar: "Não vos preocupeis, dizendo: Que comeremos? Ou que vestiremos? (...) Vosso Pai celeste sabe que necessitais de tudo isso " (Mt 6, 31 - 32).

Portanto, acreditar em Deus Amor. Viver toda a existência nesta fé. Poder repetir de si mesmos o que escreveu o Evangelista São João: "E nós acreditámos no Amor" (cf 1 Jo 4, 16).

Mas não basta limitar-se em acreditar que Deus ama o homem. Maria ensina que é necessário que o homem corresponda ao seu amor com o próprio amor. Devemos amar a Deus.

Há uma frase do Evangelho que indica claramente o modo de amar Deus. Ela afirma: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor, entrará no Reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de Meu Pai" (Mt 7,21). (...)

Mas há uma vontade de Deus, expressa num mandamento de Jesus, que Maria salienta de modo especial.

É a que se refere ao amor ao próximo. É importantíssima, porque no fim da vida seremos examinados sobre ela.

Jesus, na verdade, nos dirá: "Tive fome e me deste de comer, tive sede e me deste de beber; era peregrino e me recolheste; estava nu e me deste de vestir; adoeci e me visitaste; estive na prisão e foste ter comigo" (Mt 25, 35 - 36).

Nós devemos viver este amor ao próximo com todas as pessoas que encontramos durante o dia, sabendo que Jesus considera feito a si o que fazemos a elas. Talvez sejam os nossos familiares que nós vestimos, a quem damos de comer, que consolamos, aconselhamos... ou os colegas de trabalho; será a sociedade que devemos amar, servindo-a nos escritórios, nas escolas, nos parlamentos...

Devemos amar a todos, sem exceções. Devemos amar até os inimigos.

E isso é cristianismo. (...)

Escolher Deus Amor como Ideal da vida; fazer a sua vontade para retribuir o seu com o nosso amor; sobretudo amar o próximo e amar-nos uns aos outros: são estes os primeiros ensinamentos que Maria dá através do Movimento dos Focolares.

Mas não chega: Maria dá também aos homens de hoje uma nova explicação sobre a dor. Ela encara em cheio este problema, sempre presente em todas as épocas e a todas as pessoas; problema a que muitas vezes não se sabe dar uma resposta.

Mas que significado tem para Maria o sofrimento? Qual é a melhor maneira de o enfrentar?

Hoje no mundo - à exceção de uma minoria, que é praticante e, sobretudo, de uma elite empenhada em viver cristamente - geralmente as pessoas têm medo da dor, porque não a entendem e, por isso, tendem a evitar de pensar nisso. Também os espectáculos, a televisão, a publicidade, tendem a dar uma imagem de comodismo e de segurança. Sobretudo se quer esconjurar a morte como se fosse uma realidade inexistente, interessando-se particularmente por tudo aquilo que se pode possuir nesta vida.

Tudo o que faz sofrer é visto apenas como uma desgraça.

Ao invés, o mistério da dor tem outro significado.

Quem o explicou com as palavras e com a própria vida foi Jesus. Ele sofreu e morreu. Certamente foi por causa do mal, de homens que o condenaram, flagelaram e crucificaram. Porém, ele viu sempre no seu sofrimento e na sua morte um motivo mais profundo: ele sofria e morria para salvar os homens; era aquele o preço para reuni-los a Deus, visto que se tinham separado com o pecado, e para reuni-los entre eles.

E a partir do momento em que Jesus foi crucificado, também o sofrimento humano, cada dor, adquiriu um significado análogo ao seu. (...)

Hoje, através do Movimento dos Focolares, Maria nos apontas uma dor particular de Jesus, a suprema, quando no auge do seu sofrimento gritou: "Meu Deus, Meu Deus, por que me abandonaste?" (Mt 15, 34).

O Filho de Deus teve naquele terrível momento a impressão de que o Pai, que era um com ele, o tivesse abandonado. E a angústia que provou no seu ânimo foi tão abissal que não se pode explicar. No seu coração divino experimentava aquela separação de Deus que os homens tinham provocado com o pecado, com todas as suas consequências: a sua alma estava imersa nas mais negras trevas, na dúvida mais atroz, na ausência completa de paz; sentia o peso de todos os nossos pecados, que tinha tomado sobre si... Mas, apesar de tudo, voltava a abandonar-se ao Pai com total confiança: "Pai - disse -, em tuas mãos entrego o meu espírito" (Lc 23, 46).

Maria, polarizando a nossa atenção em Jesus crucificado e abandonado, quer nos ajudar também a encontrar a força para vencer todas as dificuldades.

Se o nosso coração sofrer com a ausência de paz, de tranquilidade, de segurança, recorderemos aquela dor de Jesus. Se sentirmos a aridez, a escuridão, a confusão dentro de nós, ou se nos atormentar a dúvida ou o peso dos nossos pecados, pensaremos nele. E, no fundo do coração, lhe diremos que queremos fazer como ele: aceitar a dor, dizer-lhe o nosso "sim". Pois, se assim fizermos e continuarmos a viver a nossa vida cristã, experimentaremos além do mais, como por milagre, que, quando o abraçamos, a dor - sobretudo espiritual - se transforma, por uma divina alquimia, em amor. E, aceitando bem o sofrimento, crescerá em nós a união com Deus e ajudaremos os outros a encontrá-la ou a solidificá-la.

Por fim, Maria faz outro apelo aos homens de hoje através do Movimento dos Focolares.

Orienta-os para a fraternidade universal, para a unidade da família humana.

Mesmo se o nosso planeta passa por inúmeras tensões, Maria nos mais vários modos chama os homens à unidade e a pretende em todos os campos. Quer as famílias unidas; deseja que não haja divisões entre as diversas gerações; pede a unidade entre as raças, os povos, os cristãos, e, dentro do possível, com os fiéis de outras religiões; e também, pelo menos no campo operativo, com todos aqueles que procuram o bem do homem. Ela ama a humanidade inteira e quer a fraternidade universal.

Senhoras e senhores, irmãos e irmãs, eis algumas das exigências que Maria exprime através de um Movimento na Igreja.

Será conveniente que nos esforcemos por colocar em prática com total empenho ao menos uma destas exigências. E isso bastará para notar algo verdadeiramente novo na nossa vida cristã.

Já são milhões as pessoas que seguem estas indicações de Maria, de resto muito universais, com grande alegria espiritual, com a consequente resolução de muitos problemas pessoais, familiares e sociais, com a transformação de si mesmas em autênticos apóstolos de uma nova civilização do Amor.

Maria, que fez de Deus o Ideal da sua vida, faça de maneira que seja também o nosso.

Maria, que fez sua a vontade de Deus na encarnação e durante toda a vida, nos ajude a cumpri-la perfeitamente.

Ela, que amou o próximo, como demonstrou ao visitar Santa Isabel e nas bodas de Caná, infunda no nosso coração esta caridade.

Maria, que viveu plenamente o amor recíproco na família de Nazaré, nos ajude a colocá-lo também nós em prática.

Maria, que soube oferecer cada dor aos pés da cruz, fortaleça os nossos corações quando essa nos invadir.

Maria, que é mãe universal, alargue o nosso coração a toda a humanidade.

Com ela, primeira leiga da Igreja, e com a sua espiritualidade, também nós, na maioria leigos, poderemos estar à altura da missão que a Igreja hoje nos confia: trabalhar para a nossa santificação, que é a vocação universal da humanidade; contribuir para renovar e difundir a Igreja; animar cristamente as coisas e as questões do mundo em que vivemos. E tudo para a glória de Deus e da Sua Mãe.

Chiara Lubich